
Movimentos Sociais, Futuro e Utopia

Patrick Berger

Os movimentos sociais são processos de mobilização social que podem ser definidos por diversos aspectos. Um dos aspectos fundamentais é o seu projeto, que é o nosso foco. Outros aspectos existem para a compreensão dos movimentos sociais e não serão abordados aqui tendo em vista tal foco. A questão do projeto dos movimentos sociais é discutida a partir da percepção de projetos contraditórios na sociedade moderna e seus efeitos nas lutas sociais e na constituição, reprodução, mudança, dos movimentos sociais.

Para tanto, é importante discutir o significado dos projetos dos movimentos sociais, sendo necessário refletir sobre os principais projetos que norteiam a existência e prática dos mesmos. Os projetos dos movimentos sociais podem ser interpretados à luz do seu vínculo com os processos históricos. Os projetos dos movimentos sociais são projetos históricos e por isso remetem à determinada concepção de história, de passado, presente e futuro. A utopia é o horizonte desejável e realização dos projetos históricos dos movimentos sociais quando superam suas ilusões e apontam para a superação da razão de sua existência e ilusões. Por isso é fundamental observar a posição dos movimentos sociais diante do futuro, o que também remete ao problema de suas posições sobre o passado e o presente.

O ponto de partida: o Projeto

O projeto, partindo de uma adaptação da concepção sartreana¹, é uma escolha. O indivíduo primeiro existe, depois ele escolhe. A existência precede a essência, este é o mote existencialista. É algo que encanta. Algumas ideias são realmente encantadoras.

¹ A problemática do projeto perpassa toda obra de Sartre, apesar de estar mais desenvolvida em algumas de suas obras, como *O Ser e o Nada*; *O Existencialismo é um Humanismo*; *Crítica da Razão Dialética*; entre outras.

Elas são consideradas atraentes, bonitas, interessantes. O encanto também tem outro significado, já não tão positivo: o feitiço. Um indivíduo “encantado” está enfeitado, dominado por outro. O mote existencialista é encantador, mas também enganador. O último Sartre superou grande parte do problema ao tematizar a questão da situação. As escolhas não são tão livres quanto parecia. Sem dúvida, há a situação dos indivíduos. De qualquer forma, ainda está presente certo “encantamento”: continua sendo uma bela ideia e continua sendo enganadora. É preciso dizer a verdade: o ser humano não é livre e por isso não tem liberdade absoluta de escolha. As escolhas são determinadas pelo contexto social e histórico, cultura, pressões, escolhas anteriores, e os exemplos poderiam se multiplicar ao infinito.

A concepção sartreana, desde que adaptada ao contexto de uma análise materialista, ganha força. O ser humano, como já colocava Marx, é teleológico, coloca uma finalidade em suas atividades antes de executá-las. Essa finalidade pode ser impedida em determinadas relações sociais, condicionadas e determinadas em outras, ou livres (na sociedade comunista). Na sociedade capitalista, a finalidade, o projeto, é determinado². A proposta marxista é a autodeterminação, a determinação ser decisão

² Aqui se poderia fazer uma longa discussão sobre determinismo e liberdade. A concepção individualista e liberal aponta para uma suposta “liberdade absoluta”, tal como a primeira versão sartreana. Isso é fantasioso. Já se gastou milhares de toneladas de tintas para defender ou refutar essa tese, não pretendo tratar disso aqui. A liberdade pressupõe consciência, razão. Sem esta, o que existe são formas distintas de determinação e a escolha de uma ao invés de outra. Se alguns escolhem o “corpo” como essência de sua liberdade, deixando ele determinar suas decisões e ações, apenas escolhe o que lhe determina (ao contrário do animal, que é determinado pelo corpo sem saber e ter escolhido isso... pobres seres humanos que escolhem ser como animais!), bem como outros podem escolher sua “cultura”, como um religioso dogmático que age de acordo com designios externos a ele e que ditam suas decisões e ações, ou então um indivíduo que assume uma “identidade”, tema recorrente atualmente, e passa a se submeter a ela, inclusive se impedindo de ir além dela. O ser humano real e vivo sofre múltiplas determinações e pode aumentar a força de algumas e diminuir a de outras. O caminho da liberdade requer que se escolha a razão como a determinação fundamental e que pode permitir a sua plena realização, afinal é através dela que as necessidades podem tornar-se conscientes e refletidas. Se um pedófilo toma seu “corpo” ou “desejo”, outros temas da moda, como determinação e deixa de lado a moral, os outros, as crianças e seus direitos (consciência, desejos opostos...), a lei, o humanismo, etc. apenas escolhe o que lhe determinará abstraindo suas implicações e consequências (a prisão sendo uma delas, aí será uma determinação externa que ele não escolheu, mas possibilitou). Se escolhesse a razão poderia se questionar, refletir sobre a “normalidade” de seu desejo e até mesmo procurar um psicanalista. Entenderia, nesse caso, que o seu “corpo” não gera pedofilia e sim sua mente, que é constituída social e historicamente, podendo ser reprodutora de traumas e distúrbios psíquicos. Por isso, a discussão sobre determinismo no caso do ser humano é algo sem sentido, ele possui múltiplas determinações, a grande questão é se ele consegue controlar e decidir conscientemente a respeito delas, tornando a razão sua determinação fundamental. A recusa das determinações (inclusive sob a máscara de crítica do

racional (livre e consciente) do indivíduo no interior de uma coletividade que também exerce a autodeterminação, que é condição para sua concretização. A luta pela autodeterminação é o primeiro momento no caminho da liberdade, que, uma vez generalizada, torna-se o marco inicial de uma nova sociedade, o reino da liberdade.

Essas ideias nos ajudam entender a dinâmica dos movimentos sociais. Qual o significado e sentido da palavra projeto relacionada com movimentos sociais? A ideia de objetivo, ressaltada por muitos pesquisadores (como Melucci, Touraine e outros), é a que contempla essa discussão. É preciso esclarecer que o projeto engloba objetivos imediatos e finais. Os objetivos imediatos são o que se busca imediatamente para conseguir concretizar o objetivo final, a razão de ser do movimento. Por exemplo, em um movimento estudantil, arrecadar dinheiro pode ser necessário para realizar algumas atividades, tal como a realização de manifestações. Nesse caso, tanto “arrecadar dinheiro” quanto “manifestações” são objetivos imediatos. O objetivo final, nesse caso, pode ser uma ampla e geral reforma universitária, incluindo vários pequenos outros objetivos. O objetivo final pode ser desde o atendimento de determinadas reivindicações (moradia, reforma universitária, igualdade entre os sexos, etc.) até a transformação geral da sociedade.

O elemento fundamental do projeto, portanto, é o objetivo final, pois é ele que oferece a finalidade e razão de existência de um movimento social. O projeto só existe verdadeiramente se houver um objetivo final e se os objetivos imediatos estão coerentes ou pelo menos não entram em contradição com ele. Assim, a correspondência, e em alguns casos, devido condições sociais e históricas, a não-contradição, entre objetivos imediatos e objetivo final é fundamental para a existência de um projeto. O *princípio da correspondência* expressa a necessidade do objetivo imediato corresponder, reforçar, apontar, para o objetivo final. O *princípio da não-contradição* expressa a necessidade do objetivo imediato não-contradizer o objetivo final, o que significa não promover ações e decisões que sejam obstáculos, presentes ou futuros, para sua concretização.

“determinismo”) serve apenas para as pessoas se sentirem à vontade com sua determinação preferida e evitar os dilemas da liberdade, gerando um monolitismo psíquico que não passa de um mecanismo de defesa, tal como ensina a psicanálise.

Alguns exemplos podem esclarecer isso: “arrecadar dinheiro”, em um movimento social, não está de acordo com o princípio de correspondência, mas pode estar de acordo com o princípio da não-contradição, desde que não prejudique a luta pelo objetivo final. Se esta ação gera divisões internas, corrupção, interesses de subgrupos no interior do movimento, etc., então não está de acordo com o princípio de não-contradição. A realização de uma manifestação pode estar de acordo com o princípio da correspondência, se for uma forma de pressionar ou divulgar uma determinada reivindicação, protesto ou ação que esteja reforçando a luta pelo objetivo final. Caso a referida manifestação coloque pontos de pauta problemáticos (por causa, por exemplo, de alianças com outras forças, tais como partidos políticos com outros interesses) ou sem vínculo com o objetivo final (indo a reboque de outras forças políticas com outros objetivos e reivindicações), não está de acordo com o princípio da correspondência.

O projeto original, ou “escolha original” (Sartre) é o aspecto essencial dos movimentos sociais. É ele que começa e que pode “terminar” um movimento social, sendo a realização de sua finalidade. O objetivo final é o que fornece sentido para a existência de um movimento social e os objetivos imediatos, desde que respeitando os princípios da correspondência e não-contradição, são elementos complementares, ambos sendo partes constituintes do projeto. Nesse sentido, é possível um movimento social ter objetivo mas não ter projeto, o que é extremamente problemático e não contribui com a superação da situação que o faz necessário. Um movimento social (ou parte dele) sem projeto é facilmente manipulado, corrompido, cooptado, desvirtuado, enganado. Isso significa que tal movimento social não serve ao propósito pelo qual diz existir, pois, no fundo, não contribui com a realização das necessidades e anseios que o fez surgir. A existência de um projeto pressupõe um grau de consciência mais elevado, no qual os integrantes da ala militante³ do movimento social consiga elaborar um projeto que

³ Por “ala militante” entenda-se aqueles mais ativos e organizados no interior de um movimento social, pois existem os “apoiadores” ou “simpatizantes”, que apenas dizem apoiar ou concordar, sem nenhuma intervenção real (a não ser esse próprio discurso, que é diferente de produção intelectual e propaganda, pois estes possuem ou profundidade ou regularidade que faz com que não seja apenas “simpatia” e sim participação no próprio movimento, que não significa a mesma coisa que suas organizações). É possível que os apoiadores ou simpatizantes consigam, através de pesquisa e análises profundas, desenvolver

contenha o objetivo final e os imediatos que lhe são complementares para efetivar uma luta significativa e que possibilite a sua concretização.

Esse grau de consciência é conquistado na luta e na reflexão, que caminham juntas, apesar do afastamento que alguns realizam e dos obstáculos sociais e históricos existentes. Um desses obstáculos é a dificuldade de informação ou formação adequada dos integrantes do movimento social. Outro obstáculo é composto pela força das ideologias e concepções dominantes que influenciam negativamente os movimentos sociais. As dificuldades individuais, a situação da classe trabalhadora, a impaciência da juventude, entre outros aspectos, também geram obstáculos para isso. A superação de alguns destes obstáculos, mesmo que parcialmente, seria através de iniciativas de formação intelectual como um dos objetivos imediatos de todo movimento social, o que não ocorre efetivamente, a não ser em raras exceções e de forma precária (inclusive devido influência de ideologias e concepções simplórias que ao invés de contribuir com o avanço da consciência, acabam gerando limites e obstáculos: anarquismo, irracionalismo, vanguardismo, dogmatismo, niilismo, etc.).

Projetos Históricos, Passado e Presente

Uma vez que um movimento social ou parte dele consiga atingir um desenvolvimento da consciência ao ponto de elaborar um projeto, o problema seguinte para a análise dos movimentos sociais é *qual é este projeto*. O projeto histórico é o objetivo final e que tem vínculos com o problema do tempo. O tempo, palco de inúmeras discussões filosóficas, aparece aqui no sentido simplificado de nossa localização e posição diante do passado, presente e futuro. Os projetos dos movimentos sociais podem ser voltados para o passado, reprodutores do presente ou antecipadores do futuro. São as possibilidades existentes e dentre essas possibilidades nos interessa os

uma consciência mais ampla e elaborar (ou colaborar de forma decisiva) um projeto para um movimento social. Esse é o caso principalmente dos intelectuais radicais e dos militantes envolvidos em reflexões mais profundas. Contudo, a eficácia e adoção desse projeto, mesmo correspondendo aos interesses do movimento social, é obstaculizado por vários motivos, como incompreensão, desconfiança (o anti-intelectualismo é um desses obstáculos, bem como ideologias irracionistas que hodiernamente vem exercendo grande influência nos movimentos sociais), etc. Assim, apenas quando essa produção intelectual dos apoiadores (ou mesmo de pessoas internas da ala militante, que, no caso, geralmente formam tendências no interior dos movimentos sociais ao invés de conseguir grande ressonância interna) é encarnada por um movimento social, ou por parte dele, é que isso se torna mais efetivo.

projetos que apontam para o futuro, especialmente a tendência utópica. Esse é o nosso foco, mas uma breve digressão sobre as outras posições se torna necessária.

O passadismo, de certa forma, está presente em todos os movimentos sociais, classes sociais, elaborações intelectuais. Ele pode aparecer sob a forma de saudosismo, nostalgia ou qualquer outra. No caso de um projeto passadista, o que temos é o comando do romantismo e do processo de regresso à natureza, harmonia com o meio ambiente, tradicionalismo e coisas semelhantes. O anarcoprimitivismo e o movimento de libertação dos animais são algumas das manifestações de projeto passadista, mas exemplos menos louváveis se encontra nos elementos passadistas do nazismo e fascismo. O apego às tradições, ao obscurantismo e misticismo, ao romantismo e sentimentalismo, são alguns dos elementos que povoam a consciência passadista. A sua forma religiosa é a mais comum e forte em épocas de estabilidade.

Isso tem ressonâncias nos movimentos sociais, em suas variadas formas e tendências. Nesse caso, o que existe é uma concepção crítica do presente que se caracteriza por buscar elementos do passado ou de processos que existiram ou foram importantes e agora são secundários na dinâmica social e cultural contemporânea ao invés de encarar a realidade atual e sua necessidade de transformação total. A consciência passadista pode ser parcial ou total. Ela é parcial quando se manifesta como irracionalismo (seja por elogio dos sentimentos, seja por recusa da racionalidade). A figura de Carl Gustav Jung é exemplar desse tipo de possibilidade. Claro que Nietzsche e outros, retomados pelas ideologias chamadas de pós-modernas (apesar de serem mais pré-modernas...) são outras tantas fontes inspiradoras dessa consciência passadista. Jung, no entanto, ao acusar, corretamente, a racionalização da sociedade moderna, acaba, mesmo que visando combater o comunismo (no fundo, o estatismo soviético)^A e o fascismo, acaba retomando elementos desse último e se parecendo com ele. O raciocínio parece correto: se o fascismo aponta para uma recuperação do passado, do misticismo, dos sentimentos, e conseguiu de forma inesperada chegar ao poder em sociedades capitalistas avançadas, então há um potencial, um arquétipo universal, que a

^A Trata-se, na verdade, de um capitalismo estatal, cujo “estatismo” acabou sendo a forma assumida pelo regime de acumulação neste país (Nota RMA).

racionalização e a racionalidade reprimem. Ele é o retorno do reprimido sob a forma política. Ora, o fascismo pode ser evitado, portanto, sob a forma de volta ao mundo do misticismo e sentimentos. A psicanálise junguiana é uma forma de consciência passadista e uma terapia do fascismo que é apenas uma outra forma dele, a sua forma despolitizada que evita sua forma politizada.

Essa tendência passadista é forte e ao mesmo tempo é fraca. Ela tem um potencial e pode ser usada pelos extremistas de direita para evitar uma transformação social e até as tendências mais à esquerda ou antifascistas podem servir de apoio ao retorno do fascismo. No entanto, o mais forte atualmente é o presentismo. Ele também se encontra presente em diversos movimentos sociais, classes sociais e elaborações intelectuais. As suas características apontam para uma recusa do passado e do futuro, a despreocupação, o discurso do não projeto que é apenas a fixação do presente. O hedonismo, o imediatismo, a despreocupação, a despolitização, são suas marcas. O pessimismo e a recusa da utopia são outros elementos comuns da consciência presentista. Aparece nos discursos da “arte pela arte”, “prática pela prática”, “viver o momento”, “sem compromisso”, “o resultado é o que interessa”. Em suas formas mais elaboradas, assume a concepção pragmatista, utilitarista. No plano social, é expressa, por exemplo, no “sindicalismo de resultados”. Ou seja, não propõe nenhuma ruptura ou transformação. O presente é eterno.

Isso aparece nos movimentos sociais, seja como algo subsidiário ou como elemento principal. Nos casos subsidiários, a consciência presentista joga a transformação social para as calendas gregas, o que é realizado por todo tipo de oportunismo. Nos casos em que ela é principal, temos pragmatismo e utilitarismo. A maioria dos movimentos sociais está submetida a tal forma de consciência. O que passa a ser exigido são mudanças legais no interior da legalidade capitalista ou políticas estatais de acordo com os interesses dos seus integrantes. O objetivo é pintar de branco um ponto que estava azul e manter a tela como está. Um pequeno direito aqui, uma breve lei ali, e nada mais. A ação de alguns se limita a questões jurídicas pontuais e limitadas, o que beneficia indivíduos, mas não resolve o problema dos grupos. As chamadas ações afirmativas se incluem nesse contexto. As forças dominantes na

maioria dos movimentos sociais atuais são presentistas, visam vantagens pessoais (que seriam supostamente grupais) no interior da sociedade moderna sem apontar para uma transformação social. A ideia é rearranjar as peças no tabuleiro mantendo tanto as peças quanto o tabuleiro. Assim, algumas feministas poderão criticar as relações de mando e o poder de mando dos homens e reivindicar menos mando (do homem) ou troca de quem manda (passando para a mulher)⁴ mas não questionar a relação social de mando e obediência, ou seja, a raiz do problema, que remete para além das restritas relações entre os sexos. O projeto presentista é expresso por parcelas ligadas a partidos políticos, instituições burocráticas, e geralmente atuam em questões legislativas e dos costumes.

A breve síntese dessas duas concepções aparece apenas para anunciar a terceira concepção, a futurista, que é onde a utopia pode brotar. Os projetos passadistas e presentistas são variados e possuem divisões internas (além da oposição entre eles), o que é comum na sociedade moderna. No seu interior muitas vezes aparece a ideia de resolução do problema que aponta para a superação, mas isso é apenas uma menção que nunca envolve verdadeiramente o conjunto e as ações realizadas. O projeto futurista, por sua vez, rompe com as amarras do passado e do presente.

Projeto Futurista e Utopia

O projeto futurista é aquele que não está voltado para o passado, seja para retomá-lo ou exorcizá-lo, nem para o presente, seja para reproduzi-lo ou melhorá-lo. O projeto futurista aponta para o futuro, o que vem adiante e o que pode redimir a humanidade, libertar os seres humanos, abolir as formas de opressão e exploração, realizar a igualdade e a liberdade, ou seja, a utopia.

A utopia é uma palavra vista pejorativamente pelos conservadores e reformistas de todos os tipos. É resgatada e elogiada pelas novas gerações que trazem

⁴ Ou, ainda, a oportunidade e aumento quantitativo de mulheres que mandam. A abolição da relação de mando e obediência, que é a questão fundamental, não é discutida, simplesmente para não se ultrapassar os marcos das relações sociais existentes, presentes. É apenas mais uma expressão da consciência presentista e seu caráter conservador e de competição social ao invés de luta pela transformação social. Isso não quer dizer que não se deva questionar o mando e o seu caráter predominantemente masculino (nas instituições, pois em certas famílias não é isso que ocorre efetivamente) e sim que o questionamento deve ser radical (mostrando suas raízes sociais e não culpabilizando os demais, que, além de tudo, não são iguais) e as propostas também, o que significa abolir as raízes sociais do gerador do fenômeno e outras complementares que estejam de acordo com o princípio da não-contradição e correspondência.

em sua mente a generosidade da esperança numa nova sociedade. O que é utopia? Sonhos que nunca se realizam? Obras literárias que abordam a sociedade futura? Planos detalhados de uma nova sociedade? Essa discussão seria muito longa e já tem mais de um século de existência. No fundo, suas origens remontam o aparecimento da palavra e seu contexto. Sir Thomas Morus, na Inglaterra, na época de formação do capitalismo inglês, observa as mudanças sociais, não como um presentista que acha que tudo está certo e deve ser como é, o que lhe permitiu escrever sua obra e se tornar inspirador para milhares de seres humanos, com as mesmas aspirações. Ele observa com as lentes de um utópico: as mudanças estão expulsando indivíduos do campo, gerando desemprego e novos problemas sociais.

A crítica da sociedade presente gera a proposta de uma sociedade futura. A ilha da Utopia é essa sociedade futura. Pouco importa se concordamos com sua proposta, que possui elementos muito interessantes ao lado de outros problemáticos. O que interessa é o *espírito utópico* que comanda a sua construção literária. Essa primeira aparição da palavra utopia, mais uma aspiração do que projeto político, embora não se possa dizer que não tinha a intenção de despertar para sua possibilidade, é um marco histórico. O significado do conceito de utopia aparece pela primeira vez. A utopia é uma crítica, simultaneamente, negativa e positiva, negando o capitalismo e afirmando uma nova sociedade. Depois de Morus, diversas outras utopias literárias aparecem. Ele foi o pioneiro e somente um ser humano com sua coragem e ousadia poderia fazê-lo e seu destino (decapitado) apenas mostra o quão ele era disposto a manter em seu discurso o que considerava verdade e em sua prática o que considerava justo, algo raro hoje em dia.

No entanto, será preciso as revoluções burguesas e a emergência de um proletariado moderno para que a utopia abandone sua primeira e primitiva versão literária para se tornar um projeto político concreto. Os socialistas utópicos são os representantes da nova tendência, com suas generosas e muitas vezes ingênuas propostas de transformação social. Robert Owen, com suas cooperativas, e Charles Fourier, com seus falanstérios, são dois arquétipos do utopismo social. O primeiro arquétipo, expresso por Robert Owen, pensa que basta a boa vontade e bons projetos

políticos para superarmos o capitalismo e a competição. As experiências cooperativas financiadas por este bom burguês fracassaram totalmente. O problema é que a totalidade não foi contemplada e a *Utopia* de Morus era uma ilha, mas literária, e por isso poderia ficar imune ao capitalismo circundante. Uma ilha real teria que concorrer, algo tipicamente capitalista, com o dinheiro, a cultura existente, as necessidades humanas, as necessidades falsamente humanas. A ilha oweniana foi formada por seres humanos competitivos, submetidos à cultura burguesa em diversos aspectos, e, apesar de financiada pelo capitalista filantropo, tinha que criar seus próprios meios de sobrevivência, comparar os seus avanços com os do capitalismo, entre diversos outros obstáculos⁵.

Charles Fourier, com sua mente engenhosa, elabora a ideia dos falanstérios. Um total de 700. Um ardoroso defensor da nova sociedade, superando os males do capitalismo. No entanto, algo muito pouco exequível. Na falta de possibilidade real, a imaginação criadora lhe substitui e cria uma utopia literária que se passa por projeto político. Ambas as propostas são belas, apontam para o novo, mas não possuem muito apoio na realidade, não possuem agentes concretos que possam efetivar esse projeto. Seria necessário algum tempo depois e o fortalecimento do movimento operário para que finalmente a utopia desse um novo passo, transformando-se efetivamente num projeto político. Engels aponta a fragilidade do socialismo utópico: é a expressão de um movimento operário ainda não suficientemente forte. O surgimento de indivíduos que tentaram dar vida à utopia como projeto político gera outras fantasmagorias, seja por idiosincrasias, seja por sujeição às ideologias burguesas.

Uma rara exceção foi Karl Marx. É com Marx que a crítica-negativa assume sua maior profundidade e complexidade, a análise do capitalismo elaborada por ele é

⁵ A lição, ao que tudo indica, não foi aprendida. O debate sobre “socialismo num só país” demonstra isso. Claro está que Stálin não propôs essa fantasmagoria por falta de aprendizado e sim por interesses da burguesia de Estado. O problema está em que outros indivíduos, de outros países, ditos “comunistas” tivessem a capacidade de defender isso e não desconfiar do que ocorria. Uma grande ingenuidade por parte de muitos ao lado de um grande oportunismo do lado de outros. Obviamente que não se trata aqui de comparar e apontar semelhanças entre Owen e Stálin, pois não só a época, sociedade, situação, são radicalmente distintas, como também estes dois indivíduos. Owen doava dinheiro pelo seu sonho e sua proposta, apesar da ingenuidade e inúmeras limitações, estava muito mais próximo do comunismo do que Stálin, um usurpador do proletariado.

insuperável, a não ser para os espíritos mesquinhos, devido interesses egoístas ou dogmatismo, se tornam cegos diante da realidade. A crítica-positiva, por sua vez, torna-se a mais realista e brilhante da época. Enquanto os anarquistas usavam o poder da vontade para construir suas utopias fantasiosas⁶, Marx analisava como poderia brotar no solo infértil do capitalismo, a utopia comunista. Um dos pontos altos da teoria de Marx é ter identificado a essência e dinâmica capitalista e a sua negação: a classe operária. O proletariado é a classe portadora do futuro. Eis o eixo central de toda teoria marxista⁷.

Pensar a utopia se tornou o projetar de um futuro desejável, possível e real. E isso foi aparecendo historicamente, em diversas tentativas. A Comuna de Paris foi escrita com o sangue de operários que pela primeira vez ameaçaram concretizar a utopia no mundo real. A Revolução Russa de 1917 nasceu das novas formas organizacionais que o proletariado russo engendrou, os soviets. A Revolução Alemã mostrou uma classe proletária inspirada no exemplo russo através dos conselhos operários. A Revolução Húngara e Italiana seguiram, na mesma época, os mesmos passos iniciais. Essa foi uma época em que a Revolução Mundial se tornou uma possibilidade real. A repressão em alguns casos foi o principal elemento da contrarrevolução. A burocracia foi a razão principal em outros casos. Essas experiências mostraram os diversos obstáculos: cultura, ideologias, repressão, burocracia, Estado, dinheiro, capital. Novas tentativas emergiram: A Guerra Civil Espanhola em 1936, A Rebelião Estudantil em 1968 na França, Revolução Portuguesa em 1974, a Revolução Polonesa em 1980.

⁶ Claro que aqui não se apresenta uma recusa total do anarquismo. O anarquismo teve um papel salutar nas lutas de classes ao apontar os problemas do Estado, dos partidos, etc. Contudo, certas tendências anarquistas – a maioria – são pouco mais que utopistas abstratas. Stirner e Proudhon são bons exemplos, pois o individualismo e os princípios burgueses estão em suas utopias fantasiosas. Por outro lado, mesmo os melhores anarquistas, como Kropotkin e Bakunin, além de suas contradições e excessiva simplicidade, por sua recusa do marxismo e falta de aprofundamento teórico, incorreram em diversos erros e equívocos, tanto no que se refere ao funcionamento da nova sociedade quanto no caminho para se chegar a ela. Além disso, o voluntarismo é um problema gravíssimo que perpassa todo o anarquismo, sendo um dos seus atrativos e um dos seus limites. O poder da vontade é algo que pode e deve ser considerado, mas o real, as relações existentes no mundo concreto também. Para superar o capitalismo é preciso uma compreensão profunda dele e também das tendências de gestação da nova sociedade. Os anarquistas não ultrapassaram um nível extremamente superficial nesses dois aspectos.

⁷ O proletariado aqui é aquele que é negado pelo capital através de sua exploração e que, portanto, nega o capital. A negação do capital significa a negação de si mesmo. O proletariado só é a classe do futuro quando nega o presente. Por isso ele precisa de passar da reafirmação do capital para sua negação, que é o germe do futuro.

Novamente a derrota e os mesmos obstáculos: cultura, ideologias, repressão, burocracia, Estado, dinheiro, capital.

Não se aprende com as derrotas? Em alguns casos sim. Alguns ficaram atentos com a repressão. A sua força é real e existe, mas raramente foi o fundamental, a não ser em algumas condições particulares (caso da Comuna). O dinheiro e o capital sempre foram ameaças e já previstas por Marx, mas dificilmente é o mais importante nas contrarrevoluções (o seu peso é maior antes disso: criam obstáculos para o desencadeamento de uma revolução). O Estado é o último refúgio da burguesia e esse sim é um grande obstáculo. Ele foi fundamental para a contrarrevolução em diversas oportunidades e também para prevenir revoluções (fascismo). A burocracia, presente em forças que aparentemente apostam na transformação, logo deixa claro seu caráter e apoia a contrarrevolução, seja mantendo tudo como está, sendo criando mudanças aparentes e assumindo o poder estatal. A cultura (em geral) e as ideologias são outros elementos que dificultam o desencadear das revoluções. Uma vez desencadeadas, elas dificultam sua vitória, mesmo porque, a percepção dos outros obstáculos pressupõe a consciência deles. A classe dominante é hábil em usar ideologias e ideias que dificultam a percepção da luta e do seu significado, que cria divisões internas nos dominados, que focalizam uma parte da realidade (determinado governo, por exemplo) ao invés de sua totalidade. Sem dúvida, isso já está dado na formação cultural da sociedade e em momentos de acirramento das lutas, é utilizado com maestria pelo Estado e meios de comunicação. Um dos maiores obstáculos nos processos revolucionários é a cultura existente: ela determina o que é visível o que é invisível, o grau de consciência dos explorados e dominados, os limites para a elaboração de um projeto revolucionário.

Movimentos Sociais e Utopia

Tendo em vista o que foi colocado anteriormente, resta uma análise mais detida sobre a questão da utopia e dos movimentos sociais. O movimento operário é revolucionário por causa das relações sociais nas quais está envolvido, no seu antagonismo inevitável com a burguesia (a exploração via mais-valor). É nesse processo que se observa a radicalidade do movimento proletário. Isso é um potencial, que se concretiza em certos contextos históricos. O seu projeto, quando realiza o seu potencial,

é futurista. Os movimentos sociais, no entanto, possuem outra dinâmica e sua razão de existência remete não para um antagonismo inevitável, mas para uma oposição. Sem dúvida, a emancipação da mulher, a abolição do racismo, o fim da destruição ambiental, a realização das necessidades humanas, entre outros exemplos, não pode se concretizar sem a superação do capitalismo e instituição do comunismo⁸. Isso não pode ocorrer sem a transformação do modo de produção, o que pressupõe que o proletariado realize a sua destruição e crie novas relações de produção.

Os movimentos sociais são variados e alguns podem se acomodar ao capitalismo, alguns podem até mesmo ter suas reivindicações atendidas, parcialmente ou temporariamente⁹. A luta dos movimentos sociais depende de diversos outros elementos (cultura e consciência, grau de opressão ou insatisfação, luta de classes, ação estatal, poder do mercado, conjuntura política). Os movimentos sociais só podem cumprir um papel análogo ao do movimento operário aliando-se a ele. Isso por dois motivos fundamentais. O primeiro é que esta aliança permite a radicalização dos movimentos sociais e que, portanto, proporciona a superação do passadismo e presentismo. Isso significa manifestar o antagonismo que caracteriza a luta entre a classe burguesa e a classe proletária. O segundo é que somente assim eles podem contribuir efetivamente para a superação do modo de produção capitalista, pois isso depende do proletariado, que potencialmente traz em si novas relações de produção. Os heroicos estudantes de maio de 1968 perceberam isso e mostraram, num raro momento da história, *a fusão entre um movimento social e o espírito utópico*.

Nesse sentido, a questão da utopia deve ser retomada. Não o significado da palavra, suas tentativas de realização, os seus idealizadores. Isso já foi sinteticamente abordado e existe extensa bibliografia a seu respeito. Trata-se aqui de analisar o projeto futurista, o espírito utópico, com sua dinâmica própria, para assim observar a possibilidade dele estar presente nos movimentos sociais.

⁸ O verdadeiro comunismo, esboçado como projeto por Marx e outros e que teve tentativas de realização, como se vê nos casos citados anteriormente.

⁹ Usando a imaginação é possível até mesmo supor a realização do objetivo final de certos movimentos sociais: o movimento de libertação dos animais poderia conseguir concretizar o seu objetivo final, desde que o capital crie tecnologias e alternativas que supram as necessidades humanas sem uso de animais. O resto do capitalismo poderia continuar intacto.

Ernst Bloch, filósofo alemão, desvendou os mecanismos do espírito utópico. Ao polemizar com a psicanálise (especialmente a freudiana e junguiana) apontou para a compreensão das necessidades humanas como potencialidades que devem se realizar, sendo impulsos para a ação. A análise blochiana não reduz tais potencialidades à sexualidade, como no caso freudiano, e coloca em seu lugar a necessidade de sobrevivência que convive e se reproduz com outras necessidades. O inconsciente, sempre voltado para o passado na concepção psicanalítica, é substituído pelo ainda-não-consciente. O ainda-não-consciente é uma espécie de “pré-consciente”, sendo algo que está para emergir, “o local de nascimento psíquico do novo”. Ele tem elementos conscientes e não-conscientes, sendo algo em processo de constituição. A passagem do ainda-não-consciente para a consciência pressupõe condições históricas e sociais para se concretizar.

O ainda-não-consciente é o embrião da consciência antecipadora. Bloch elabora toda uma teoria das manifestações do ainda-não-consciente bastante semelhantes com a de Freud sobre o inconsciente¹⁰. Nas fantasias, obras literárias (como as de Morus, Campanella e outros), se manifestam a utopia, o desejo do novo. Essa utopia, no entanto, é “abstrata”. Ela mostra insatisfação, desejo do novo, impulso para a transformação, mas sem ação concreta e real que aponte para sua realização. Escrever um livro sobre uma sociedade imaginária num futuro no qual reinará a liberdade e a igualdade é algo belo, utópico e que até mesmo realiza o reforço de se pensar o novo, tendo um certo sentido prático. Mas é muito débil para reforçar a tendência de realização da utopia. Ela mostra o seu potencial e é mais importante do que o pragmatismo e conformismo reinante. Revela a necessidade e a potencialidade.

Os sonhos diurnos (ainda-não-consciente) são mais importantes do que os sonhos noturnos (inconsciente na concepção freudiana). É através deles que podemos

¹⁰ Aqui observamos a semelhança com a concepção freudiana, reconhecendo a diferença expressa no fato de que na psicanálise o inconsciente manifesta desejos existentes de origem biológica e na concepção blochiana o ainda-não-consciente manifesta desejos existentes de origem social e histórica, mesmo alguns – como a fome – tendo base biológica, sendo que o primeiro busca realizar o já existente e o outro o ainda-não-existente. Assim, se os sonhos, na concepção freudiana, remetem ao que passou e desejos do presente, em Bloch eles apontam para o futuro, são desejos do novo. Se a análise freudiana dos sonhos, obras de arte, fantasias, chistes, apontam para o retorno do reprimido, em Bloch apontam para o desejo de transformação, a constituição do novo.

ver o sonhar com uma nova vida. A insatisfação e o descontentamento apontam para a esperança e a possibilidade. Isso, no entanto, só ganha sentido real numa totalidade. As utopias literárias e fantasias são apenas parte desse processo. As utopias sociais já são um passo adiante. Isto fica evidente no caso já aludido do socialismo utópico. As utopias sociais anunciam algo que se realiza depois ao se desenvolver. A função utópica está presente nas mesmas, mas ainda de forma imatura. Será necessário o encontro com a razão para essas utopias se tornarem “concretas”. A passagem das utopias abstratas para a utopia concreta emerge com o surgimento do marxismo (a “ciência da tendência”, segundo expressão de Bloch). A utopia concreta é aquela que, através da transformação do ainda-não-consciente em consciente, do abstrato e sem mostrar o caminho da transformação para a reflexão das tendências realmente existentes, do fragmentário para o totalizante, do otimismo progressista burguês para o otimismo militante (pois o novo é uma tendência que enfrenta contratendências e por isso é preciso agir para o concretizar e reforçar sua possibilidade de realização).

A consciência antecipadora e o otimismo militante são elementos fundamentais nesse processo e presentes na utopia concreta expressa pelo marxismo¹¹. A consciência antecipadora é o que permite pensar a “mudança radical”, a realização da utopia. A formação de uma vontade coletiva de transformação pressupõe uma “conversão do olhar”, o que significa superar a obscuridade do imediato, a reificação do cotidiano, e o deslocamento do presente para o devir, ganhando seu sentido em sua relação com o futuro.

Essa breve digressão sobre a teoria blochiana da utopia nos permite avançar mais na compreensão dos movimentos sociais em sua relação com o projeto futurista. Como foi colocado anteriormente, o presentismo é a tendência dominante nos

¹¹ Bloch sempre se refere a Marx, especificamente. Afinal, é o teórico da revolução proletária. No entanto, a expressão “marxismo” pode dar a entender que isso englobaria tudo o que assim se autodenomina. Poderíamos aqui separar um marxismo utópico ou futurista, que vai de Marx até Bloch, passando por Rosa Luxemburgo, Karl Korsch, Anton Pannekoek, Maximilien Rubel, Yvon Bourdet, entre diversos outros, e o marxismo burocrático ou presentista, que vai de Lênin e Kautsky até Mészáros e Žižek, passando por Trotsky, Stálin, Gramsci, Lukács e milhares de outros. Sem dúvida, existem diferenças entre os componentes dos dois tipos de “marxismo”. Isso foi percebido por Bloch ao separar a “corrente quente” (a do otimismo militante) da “corrente fria” (do cientificismo e determinismo econômico) do marxismo. A corrente quente é a futurista, a que realiza a fusão entre razão e revolução. O resto é marxista apenas no rótulo. Estão bem acomodados ao presentismo.

movimentos sociais e por isso seus limites e incapacidade de pensar o novo, em grande parte dos casos. Ao invés de pensar a mulher votando ou no mercado de trabalho, pensar a mulher verdadeiramente e essencialmente livre ao lado de homens em iguais condições, o que significa inexistência de oposição, num mundo novo, é a dificuldade do pensamento feminista orientado pelo presentismo, da mesma forma que diversos outros movimentos sociais em relação às suas demandas, sempre limitadas à sociedade presente. Os movimentos sociais são incapazes de pensamento utópico?

Os movimentos sociais não são figuras ideais, produtos de nossa mente, coisas imaginárias. Eles são coisas reais, existentes graças a seres humanos igualmente reais e vivos, com seus limites, defeitos, pressões, condicionamentos, ideologias, cultura, enraizamento na sociedade capitalista e na vida cotidiana atual. Por isso a idealização dos movimentos sociais é algo não somente inútil como nocivo. O pensamento hegemônico, pelo menos nos setores chamados “progressistas” da sociedade, embeleza os movimentos sociais, evitando a crítica e a compreensão mais profunda dos mesmos. Os movimentos sociais possuem dificuldades de desenvolver um pensamento utópico. Isso também ocorre com os indivíduos em geral. O movimento operário também possui essa dificuldade. O diferencial deste último é que ele está no centro da produção e reprodução da sociedade capitalista; ele inevitavelmente se encontra em antagonismo com a classe dominante que é a força de conservação principal dessa sociedade; ele é quem mais sofre com as crises cíclicas e processos de depressão econômica; ele é quem produz as riquezas que todo o resto da sociedade usufrui; ele que pode transformar as relações de produção, sem as quais não há nenhuma transformação social efetiva. Por isso o proletariado produziu experiências revolucionárias.

As dificuldades dos movimentos sociais são muito maiores. Certos movimentos sociais são conformistas ou passadistas, não possuem interesse e nem vontade de transformação. Outros são meramente reformistas e presentistas. Um movimento social revolucionário? Não existe. O que existe são grupos ou indivíduos no interior de alguns movimentos sociais que podem assumir essa posição e ter um espírito utópico. Um dos poucos exemplos desse processo é o movimento estudantil em sua máxima radicalidade: a rebelião de 1968 em Paris, mas também suas versões radicais na

Alemanha e Itália. Esse foi um movimento social utópico, que imaginou “mudar a vida”, a negação da velha sociedade em favor da nova. Isso só foi possível através do encontro com o movimento operário. Eis o elemento fundamental: os movimentos sociais só são capazes de pensamento utópico quando se aliam ao movimento operário, pois o proletariado é “a classe portadora do futuro” (Marx). Os movimentos sociais se vinculam ao futuro através do proletariado. Em síntese, o proletariado é a ponte que permite os movimentos sociais passarem do lado direito, expresso pela sociedade capitalista, para o lado esquerdo, expresso pela sociedade do futuro, do presente e presentismo para a utopia e o futurismo.

Bibliografia

BLOCH, Ernst. *Le Principe Espérance*. Paris: Gallimard, 1976.

FOURIER Charles. *Le Nouveau monde industriel et sociétaire ou Invention du procédé d'industrie attrayante et naturelle distribuée en séries passionnées*. Dijon: Presses du réel, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *Mai 68, l'irruption...* Paris: Editions Syllepse, 1998.

MARX, Karl. *Le Capital*. Paris: Gallimard, 1968.

RUBEL, Maximilien. *Karl Marx, essai de biographie intellectuelle*. Paris: Rivière, 1971.

MARX, Karl. *Œuvres I. Économie I*. Paris: Gallimard, 1994.

MORUS, T. *L'Utopie*. Paris: Éditions Sociales, 1982.

OWEN, Robert. *Textes choisis*. Paris: Éditions sociales, 1963.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la Raison Dialectique*. Paris, Gallimard, 1960.

SARTRE, Jean-Paul. *L'Existentialisme est un humanisme*. Paris, Gallimard, 1996.

TOURAINÉ, Alain. *Le communisme utopique; le mouvement de mai 1968*. Paris: Editions du Seuil, 1972.